

## O Rei de Havana, de Pedro Juan Gutiérrez e o Mundo Maldito<sup>1</sup>

Dr. Sullivan Charles Barros<sup>2</sup>

### Resumo

A Literatura oferece uma importante contribuição para a compreensão do mundo sócio-cultural. Ela é uma instituição viva, que deve ser entendida como um processo histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Ela possui o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura. Torna-se, portanto, uma forma privilegiada de compreensão do imaginário de uma época, permitindo que ela enxergue traços que outras fontes não nos forneceriam. Literatura é caracterizada por trabalhar com possibilidades, enquanto, por outro lado, as Ciências Sociais lidam com a realidade, levando em consideração que a literatura não tem compromisso com os fatos chamados históricos – ou seja, ela não tem a obrigatoriedade de ser fiel aos acontecimentos sociais do presente e do passado. Neste sentido, o presente artigo analisa *O Rei de Havana* de Pedro Juan Gutiérrez. Nesta obra conta-se a história do jovem chamado Reinaldo, que perde a família de uma forma estúpida e passa a levar uma vida de pura miséria pelas ruas de Havana, onde só há espaço para a fome e o sexo até o desfecho final que será sua morte no anonimato. Ao aproximar o leitor de um mundo brutal e em franca deterioração, *O Rei de Havana*, apresentam habitantes que acabam por tornarem-se invisíveis e descartáveis. Esta é reconhecida como integrante do realismo sujo e apresenta certos aspectos da história cubana na narrativa ficcional em que é contada.

Palavras-Chave: Literatura; Sociedade; América Latina; O Rei de Havana.

### Resumen

La Literatura ofrece una importante contribución a la comprensión del mundo sociocultural. Ella es una institución viva, que debe ser entendida como un proceso histórico, político y filosófico; semiótico y lingüístico; individual y social, a la vez. Tiene el efecto de multiplicar las posibilidades de lectura. Se convierte, por lo tanto, en una forma privilegiada de comprensión del imaginario de una época, permitiendo que ella vea rastros que otras fuentes no nos proporcionarían. La literatura se caracteriza por trabajar con posibilidades, mientras que, por otro lado, las Ciencias Sociales se ocupan de la realidad, teniendo en cuenta que la literatura no tiene compromiso con los hechos llamados históricos - es decir, no tiene la obligatoriedad de ser fiel a los fieles los acontecimientos sociales del presente y del pasado. En este sentido, el presente artículo analiza *El Rey de La Habana* de Pedro Juan Gutiérrez. En esta obra se cuenta la historia del joven llamado Reinaldo, que pierde a la familia de una

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no I Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2019.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília; Pós-Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor da Universidade Federal de Goiás – Catalão, Goiás, Brasil; e-mail: [sullivan7@uol.com.br](mailto:sullivan7@uol.com.br).

forma estúpida y pasa a llevar una vida de pura miseria por las calles de La Habana, donde sólo hay espacio para el hambre y el sexo hasta el desenlace final que será su muerte en el anonimato. Al acercar al lector de un mundo brutal y en franco deterioro, *El Rey de La Habana*, presentan habitantes que acaban por tornarse invisibles y desechables. Esta es reconocida como integrante del realismo sucio y presenta ciertos aspectos de la historia cubana en la narrativa ficcional en que se cuenta.

Palabras Clave: Literatura; la sociedad; América Latina; El Rey de La Habana.

### **Abstract**

Literature makes an important contribution to understanding the socio-cultural world. It is a living institution, which must be understood as a historical, political and philosophical process; semiotic and linguistic; individual and social at the same time. It has the effect of multiplying the Reading possibilities. It thus becomes a privileged way of understanding the imagery of an era, allowing it to see traits that other sources would not provide us with. Literature is characterized by working with possibilities, whereas, on the other hand, social sciences deal with reality, considering that literature has no commitment to the so-called historical facts – that is, it is not required to be true to events, of the present and the past. In this sense, the present article analyzes *The King of Havana* by Pedro Juan Gutiérrez. This book tells the story of the young man named Reinaldo, who loses his family in a stupid way and begins to lead a life of pure misery through the streets of Havana, where there is only room for hunger and sex until the final outcome that will be your death in anonymity. By bringing the reader closer to a brutal and rapidly deteriorating world, *The King of Havana* features inhabitants who eventually become invisible and disposable. It is recognized as part of dirty realism and presents certain aspects of Cuban history in the fictional narrative in which it is told.

Key Words: Literature; Society; Latin America; The King of Havana.

### **1. Introdução**

A literatura constitui-se como forma de manifestação artística condutora de diversos aspectos sociais da realidade que visa retratar. Para que ela exista e seja dotada de certa função, torna-se necessário que haja uma troca de valores entre escritor e seus leitores. Nesse sentido, os ritos, heróis, conflitos e narrativas advindos das obras literárias cumprem uma função social: a produção de um espaço de interação de valores sócio-históricos entre os sujeitos envolvidos (autor e leitor) e, desta forma, a literatura só existe neste intercâmbio cultural.

A Literatura oferece uma importante contribuição para a compreensão do mundo sócio-cultural. Ela é uma instituição viva, que deve ser entendida como um processo histórico,

político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Ela possui o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura. Torna-se, portanto, uma forma privilegiada de compreensão do imaginário de uma época, permitindo que ela enxergue traços que outras fontes não nos forneceriam.

Literatura é caracterizada por trabalhar com possibilidades, enquanto que, por outro lado, as Ciências Sociais lidam com a realidade, levando em consideração que a literatura não tem compromisso com os fatos chamados históricos – ou seja, ela não tem o compromisso de ser fiel aos acontecimentos sociais do presente e do passado.

Nesta relação entre Literatura e Ciências Sociais é preciso levar em conta a relação da literatura com a história política, social, econômica e cultural, sua relação com a tradição literária e com a literatura do tempo e também a relação do texto com o assunto do qual ele fala e com o público ao qual ele se dirige direta ou indiretamente.

No contexto dos estudos literários na América Latina, “resistência” tem sido uma expressão com conotação teórico-crítica frequentemente referida para tratar de obras que problematizam episódios históricos de exceção, como as Ditaduras Militares vivenciadas ou momentos do chamado pós-colonialismo, no caso de literaturas produzidas em países tornados independentes politicamente. Dizer que uma obra literária está associada a uma perspectiva de resistência implica, nessa linha de raciocínio, apontar elementos de ordem temática que atestam a contrariedade do texto artístico a um sistema social, a um regime político, a uma experiência cultural, a determinadas práticas sociais, como as relacionadas a gênero, identidade, violência, marginalização etc. Resistir por meio da literatura, portanto, é uma forma de “lutar” contra algum sistema ou situação, de combater ideais, de reagir a perseguições ou imposições de modelos de comportamento socialmente legitimados.

Sendo assim, é possível afirmar-se que a literatura não é apenas forma de expressão cultural, mas também “meio de representação”. Ela fornece fontes significativas para os estudos das ciências sociais sobre a própria época em que foi e está sendo produzida além de representar algo, seja uma realidade percebida e interpretada, seja um mundo imaginário livremente criado pelos seus escritores.

Uma obra literária dirá tanto quanto for questionada. São infinitas as suas possibilidades de leitura. É preciso reconhecer que existe uma manipulação ideológica prévia das narrativas, assim como uma articulação da linguagem literária com a produção do livro

em si e com o contexto da sua realização. Nesse sentido, a literatura é uma fonte histórica e sociológica, pois é sempre uma narrativa que nos informa sobre certa sociedade e visão de mundo. Ela está conectada com o imaginário de uma época, é parte de uma cultura, é sempre um enunciado.

Neste sentido, tem-se como objetivo geral compreender a partir da análise a obra *O Rei de Havana* de Pedro Juan Gutiérrez, obra de 1999, conta-se a história do jovem chamado Reinaldo, que perde a família de uma forma estúpida e passa a levar uma vida de pura miséria pelas ruas de Havana, onde só há espaço para a fome e o sexo até o desfecho final que será sua morte no anonimato.

### **Identidades em Movimento: Pensando a Cultura Latino-Americana por meio da Literatura**

Olhando para a produção literária como práticas discursivas<sup>3</sup> que conferem sentido ao real e criam modelos de existência e/ou abertura para a emergência de outras subjetividades, a literatura constitui-se como veículo de comunicação que transmite, de certa forma, uma cultura que, por meio de narrativas que auxiliam na formação de opiniões e de comportamentos sociais e, ainda, fornecem instrumentos com que as pessoas forjam suas identidades.

A literatura é um campo em que as identidades presentes em uma dada cultura se expressam e se fazem notar. Ela desempenha o papel de espelho ou duplo, no qual se refletem as mudanças e as interações identitárias. Para além de problematizar as questões das diferentes identidades, a literatura também propicia novas identificações.

A obra literária vem a ser instrumento útil para entendermos como as identidades, sua legitimação e suas lutas estão presentes em nossa sociedade. Ele é instância que faz parte do imaginário de nossa cultura, do que mostramos/representamos sobre nós, ao mesmo tempo em que colaboram para enriquecê-la, reproduzindo e criando novas formulações culturais. A literatura nos situa no mundo e para além dele, porque nos permite reelaborar outra visão desse mundo.

---

<sup>3</sup> As práticas discursivas compreendem o “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições do exercício da função enunciativa” (Foucault, 1997, p. 136).

As narrativas literárias falam sobre o que sabemos e o que não sabemos ainda e também sobre o que não imaginávamos que pudesse existir: um universo de possibilidades e de percursos a serem decodificados. Elas cristalizam o mundo ao representá-lo, mas ao mesmo tempo, recriam-o, inventando outro mundo. Por sua natureza reflexiva, elas são capazes de exibir a realidade social de seu tempo e de um dado momento histórico, agindo, assim, como instrumento de reflexão sobre o qual vão se inscrevendo as narrativas de uma época.

Pensando especificamente a realidade latino-americana, é possível identificarmos que as manifestações artísticas e culturais mais emblemáticas deste subcontinente procuram construir uma identidade cultural a partir de seus problemas comuns: a dominação estrangeira, a exploração colonial, as colonialidades e as desigualdades sociais.

Temas ligados aos problemas comuns dos povos da América Latina, como a exploração colonial, a descolonização, o neocolonialismo, o subdesenvolvimento e a alienação são recorrentes nessas produções. É possível afirmar que estas produções literárias envolvem um projeto de engajamento político e artístico que podem promover uma rede de trocas e identidades capazes de criar, consolidar e fazer circular seus ideais.

É preciso discutir como esses discursos produzidos pela literatura estão relacionados com a identidade cultural dos países pertencentes à América Latina. A tentativa de esboçar a relação entre literatura e identidade cultural no subcontinente deve compreender que livros expressam documentos culturais que projetam narrativas do comportamento humano social por serem ficcionais, e se tornam veículos de representações da realidade. A análise literária, neste sentido, torna-se uma das estratégias de estudo da cultura e das identidades na medida em que a manifestação artística e literária é constituída pela prática social, e não de ideias autônomas e isoladas da esfera social, que são desenvolvidas pelos sujeitos.

Neste caso específico, a literatura latino-americana contemporânea deve ser tomada como um campo que diz respeito a um conjunto de práticas, contextos e atores sociais se auto-definindo e se auto-regulando. Quer dizer, o estudo sociológico da atividade literária produzida na América Latina deve observar as práticas que dizem respeito não só à estrutura social, mas aos intuítos dos/as escritores/as e dos diversos agentes culturais envolvidos na produção e apropriação do texto literário.

Esta produção literária latino-americana não deve ser vista como mero reflexo da consciência coletiva ou individual, mas a concretização das ações sócio-culturais tomadas por um grupo social na definição da consciência coletiva: a produção literária da América Latina corresponde à estrutura mental de um determinado grupo social. Desse modo, esta produção literária, em análise, pode e deve ser considerada como resultado de diversas práticas, pressupostos, concepções expressas em valores e posturas reconhecidos enquanto tal pela coletividade que a compõe.

Devido à multiplicidade de olhares que pode ser dirigida a uma obra literária, e à influência que um livro pode ter em seu público, a literatura vem a constituir um campo de construção identitária muito particular. Este campo emerge como depositário de nossas indagações: quem somos nós? O que mostramos de nós? Como nos vemos? No caso da literatura latino-americana, são narrativas que tratam de nosso povo, de nossos modos de vida e de nossas concepções identitárias. Estas indagações têm percorrido a história de nossa literatura com maior ou menor fôlego e vigor.

### **O Rei de Havana e o Mundo Maldito**

*O Rei de Havana*, de Pedro Juan Gutiérrez<sup>4</sup> é uma obra de 1999. A sinopse apresentada na contracapa do livro é a seguinte:

Cuba, anos 1990. Após fugir de um reformatório, o jovem Reinaldo vaga pelas ruas em busca de abrigo e comida. Sem família, amigos ou qualquer objetivo de vida, Rei procura viver minuto a minuto. Enquanto caminha sem rumo, pedindo esmolas e lutando para sobreviver, ele convive com os mais diversos tipos do submundo cubano: mendigos, bêbados, travestis, prostitutas, traficantes, ladrões e vendedores ambulantes, todos famintos e atormentados pela miséria. Apesar do sofrimento diário em uma cidade imunda, e arruinada, essa gente permanece invulnerável, buscando no amor, no sexo e na diversão algo que torne a vida menos amarga.

Nesta obra, Gutiérrez constrói seu personagem principal, o jovem Reinaldo ou Rei e, posteriormente conhecido como o “Rei de Havana” de modo a aproximar o leitor de um mundo brutal e em franca deterioração, cujos habitantes acabam por tornarem-se invisíveis e descartáveis. A sua obra é reconhecida como integrante do realismo sujo<sup>5</sup> e apresenta certos

---

<sup>4</sup> Pedro Juan Gutiérrez nasceu em 1950 em Matanzas, Cuba. É escritor, pintor e jornalista. É reconhecido internacionalmente como um dos escritores mais talentosos da nova narrativa cubana.

<sup>5</sup> O termo Realismo Sujo refere-se para designar uma geração de jovens escritores americanos e latino-americanos, surgidos, respectivamente a partir das décadas de 1980 e de 1990 que em suas obras discorrem sobre

aspectos da história cubana na narrativa ficcional em que é contada. E está também associada a uma tendência da literatura latino-americana contemporânea de trazer atores sociais subalternizados e em condições de vulnerabilidade social como protagonistas principais de suas narrativas, revelando conflitos relacionados tanto à condição humana, como a determinado contexto social, político e cultural.

A obra inicia-se apresentando o fato de que toda a família de “Rei”, adolescente de 13 anos de idade é dizimada em questão de segundos, sem aviso, e esta cena de violência vai sendo narrada com detalhes violentos. Rei e seu irmão Nelson, de 14 anos de idade, estavam espiando a “putinha da vizinha (...) uma mulatinha meio nua” (Gutiérrez, 2017, p. 10) e são surpreendidos pela mãe enfurecida. Um incidente que poderia transcorrer em qualquer outro lugar sem maiores consequências, adquire na obra uma dimensão apocalíptica, anunciando uma história sombria e esvaziada de eventos enobrecedores. Aos gritos a mãe corre atrás dos filhos, e na confusão que se estabelece, a ação toma um rumo irreparável. A mãe morre atravessada por uma ponta de ferro na nuca ao ser empurrada acidentalmente, contra uma parede, por Nelson, seu filho mais velho. Aterrorizado, ele se atira do alto do prédio, espatifando-se no asfalto. A avó, esquelética e coberta de sujeira, não resiste ao cenário grotesco que se faz e desfaz sem maiores explicações, e morre de ataque do coração. Em estado de choque, Rei é o único membro da família que sobrevive.

A trajetória infeliz de Rei é o que conduz toda a narrativa, indicando desde a cena de abertura da obra, sua impossibilidade de recuperação ou uma saída menos brutal. A violência vai se potencializando na história: o personagem passa de um ambiente familiar violento para outro ambiente igualmente repressor, sob a tutela do Estado.

A natureza truculenta do aparato policial é reiterada em várias partes da narrativa, que é treinada para agir sem qualquer grau de sensibilidade, desconsidera o estado de perplexidade do adolescente que acaba sendo conduzido a um reformatório de jovens infratores. Para sobreviver às investidas dos outros prisioneiros, Rei vai se tornando mais embrutecido e calado, engolindo sua dor e suas perdas, “incapaz de compreender ou articular seus sentimentos mediante a situação de miséria moral e física que o rodeia” (Lenz Viana; Ketzer Umbach, 2016, p. 166).

---

sujeitos abjetos, invisíveis socialmente. Refere-se também a narrativas próximas ao pornográfico, à violência e a uma estética do “lixo”, ou seja, as áreas mais “baixas” e sujas da realidade social.

A condição de desamparo e gradual reificação de Rei na narrativa caracteriza a sua trajetória sem rumo. Ao fugir do sistema estatal que tutela jovens infratores, ele passa a perambular pela cidade e passa a perceber que a maioria de seus habitantes também convive com a pobreza e a degradação. A situação de precariedade e vulnerabilidade de parte da população cubana é ficcionalmente ilustrada por meio de vários episódios. Em um deles, a voz da narrativa se detém no comportamento “animalesco” de uma grande multidão que se agrupa desordenadamente para comprar bebida barata. Em outra situação ocorre o mesmo com asas de frango à venda.

A fome torna-se desta forma um dos tópicos principais do livro que, somada a outras questões, apresenta o cenário da narrativa desalentador, o que permite estabelecer uma ponte entre ficção e realidade de Cuba nos anos 1990<sup>6</sup>. Todos ao redor de Rei passam fome, estão acostumados com a fome, sentem a fome.

Outra temática abordada na obra e também recorrente nos centros urbanos deteriorados das capitais latino-americanas, como é o caso de Havana, é a violência. Sem documento, sem escolaridade ou vínculos familiares ou afetivos, Rei vive de pequenos furtos, escondendo-se da polícia de dia e vagando à noite. Impotente contra o contexto social em que se encontra e que o rechaça, ele vai sendo engolido, devorado pela fome, pela sujeira, pela degradação física e moral.

O protagonista desenvolve um mecanismo de esquecimento para não se lembrar de sua existência maldita. Inexistente aos olhos da máquina do Estado e inexistente aos olhos da sociedade, Rei aproxima-se de um mundo “animalesco” em que somente no sexo encontra-se um sentimento momentâneo de autoafirmação. Sem teto, alimento, roupa e higiene e família, tudo lhe falta, menos sexo: sexo violento, compulsivo. Seria o sexo o único sentido para sua existência miserável. Seu corpo abjeto toma a forma de um corpo essencialmente erotizado e sexualizado de onde emerge uma força brutal e irracional.

Sua condição de dejetivo humano e sua coisificação reservam ao Rei um fim trágico e grotesco que vai sendo anunciado desde a cena de abertura do livro. Rei reata seu relacionamento com Magda (personagem que possui características muito próximas a dele no que se refere à questão da subalternidade e vulnerabilidade – mulher, negra, pobre, prostituta,

---

<sup>6</sup> Nesta década houve o colapso da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS o que levou a Ilha a uma severa crise econômica. As datas às quais a obra faz alusão e a data sobre este fato histórico coincide. Sem o auxílio do bloco socialista, Cuba teve que lidar com a escassez de petróleo e alimentos.

vendedora ambulante, suja). Ele lhe corta a face esquerda, expondo os seus ossos, tendões e dentes. Com outro golpe, acerta-lhe a carótida, matando-a em segundos. Sem saber o que fazer, ele permanece ao lado do corpo decomposto por um longo tempo. Ele faz sexo com o cadáver de Magda por várias vezes.

Passados alguns dias e com a podridão do cheiro do corpo da mulher assassinada, Rei tenta enterrá-la em um buraco perto do lixão e ratos enormes e selvagens o atacam, mordendo-o em várias partes do corpo. As úlceras feitas pelos ratos fazem Rei agonizar dias e noites e assim ele morre sem que ninguém percebesse a sua agonia e, sobretudo, a sua existência. Acossado por um sistema que promete cuidar do cidadão, mas age contra ele, a presença de Rei é perigosa ao funcionamento do Estado, pois ele representa a imagem viva de uma sociedade decadente cujo regime autoritário intervém em todas as instâncias da vida social. Se o livro inicia com Rei habitando um edifício em ruínas, onde porcos, galinhas e seres humanos respiram o mesmo ar fétido; ao final da narrativa, prevalece o que sempre foi: Rei morre de forma indigna sem que ninguém jamais ficasse sabendo de nada nem de sua existência nem de sua morte.

### **Referências Bibliográficas**

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. São Paulo, Alfaguara, 2017.

LENZ VIANA, Vera Lúcia; KETZER UMBACH, Rosani. “Salsa, amendoim, rum e violência: o universo maldito de Rey em *O Rei de Havana*” In. ALMEIDA SILVA, Denise; TEIXEIRA PORTO, Luana (Orgas). *Pensando as Américas: narrativas e violência*. Santa Cruz do Sul, Catarse, 2016.